



Instituições financeiras tiveram o pior desempenho. A agropecuária, especialmente a produção de frangos, foi o setor que mais impulsionou o PIB

Vendas em alta em São Paulo e no Rio

SÃO PAULO — Depois de janeiro — mês tradicionalmente fraco para as vendas — o comércio voltou a reagir nas primeiras semanas de fevereiro. Até a última segunda-feira, as consultas ao Telecheque da Associação Comercial de São Paulo, que indicam o volume de vendas à vista e com pré-datados, cresceram 38,41% em relação a idêntico período de 1995. As consultas ao SPC, que acompanha o crediário, cresceram 2,25%. “Há 20 dias, eu achava que o primeiro trimestre seria fraco. Agora, pelo que tenho visto e ouvido, acho que vai ser melhor para o comércio do que em 1995”, diz Luis Eduardo Pereira de Carvalho, diretor de consultoria financeira da Boucinhas & Campos.

No comércio do Rio, o resultado das vendas em fevereiro também está acima do previsto. Em janeiro, os supermercados perderam muitos clientes porque gastaram os reais com as

compras de Natal. Só nesse período, as vendas chegam a cair 40% em relação a dezembro. Mas a expectativa do presidente da Associação de Supermercados do Estado do Rio (Asserj), Aylton Fornari, é de que esse mês haja recuperação nas vendas. “O sábado de carnaval é o segundo melhor dia de vendas para os supermercados depois do Natal”, afirmou. Para Fornari, esse resultado também deve-se ao grande número de promoções entre as lojas.

No shopping RioSul, os lojistas registram aumento das vendas nesses primeiros dias de fevereiro. “Acabaram-se as férias e os jovens voltaram a frequentar o shopping”, afirmou o gerente Gilberto Rufolo.

Já pelas contas da Federação das Indústrias do Estado do Rio (Firjan) as vendas em janeiro cresceram 1,15% em relação a dezembro, mas o

pessoal ocupado caiu 0,3%. Isso significou o corte de 1.600 empregos.

Distribuição — Consultores e economistas trataram de procurar uma explicação para o desempenho positivo. Ganha corpo uma teoria batizada de consumo-formiguinha. Funciona assim: com mais poder aquisitivo desde a chegada do real, a população de baixa renda está indo às compras. Os salários continuam baixos, mas como são muitos, o reflexo na economia é substancial. A tese tem fundamento. É fato que o poder aquisitivo aumentou. Segundo o IBGE, o salário real médio cresceu quase 30% nos últimos dois anos. “Está havendo efetiva distribuição de renda no país”, diz Luis Eduardo.

Existe um outro fator contribuindo para manter acesa a chama dos negócios: a estabilidade. Além de ter mais dinheiro no bolso, o brasileiro está aprendendo o significado de vi-

ver em uma economia estável. Acabou aquela montanha-russa dos índices de inflação. O real vai completar dois anos, em julho, e as pessoas estão se acostumando com os preços. Já dá para comparar melhor e levar para casa a que custa menos. Dá também para ver se a prestação do aparelho de som, da geladeira ou do videocassete cabe mesmo no salário.

“Os segundo e terceiro trimestres serão melhores ainda que o primeiro”, diz Luiz Eduardo. No ano passado, esses trimestres foram fracos por causa do banho de água-fria que o governo jogou na economia. Dessa vez, nada indica mais arrocho no crédito. Os sinais vêm da direção contrária. Os juros estão caindo e o crediário tende a ficar cada vez mais atraente. Grandes redes, como a Casas Bahia, já baixaram os juros de 9% ao mês para 8%.